

Editorial

AS MORTES ANUNCIADAS

Foi a primeira morte do atual período chuvoso, que começou em outubro do ano passado, em Belo Horizonte. No bairro Prado, na região Oeste, uma senhora foi arrastada pela enxurrada, ficou presa debaixo de um carro e morreu afogada. Aconteceu na tarde da última quinta-feira, na avenida Francisco Sá, sob a qual um córrego foi canalizado nos anos 50. Para moradores das imediações, a tragédia era anunciada. O lugar sempre é inundado, mas ninguém faz nada para prevenir um desastre.

O prefeito voltou a dizer que foi uma fatalidade. Botou a culpa na chuva. Disse que, em uma hora, choveu metade do esperado para todo o mês de janeiro. Para ele, a solução para as inundações na cidade só se resolverão em 20 anos. É tempo demais para exigir o empenho de outros administradores públicos, que poderão não estar tão comprometidos quanto ele na solução do problema. A cidade tem 975 áreas de risco e que exigem obras de prevenção.

A relação de obras é a mesma há três anos. O número não mudou, ou porque as obras não foram feitas ou, se algumas o foram, novas necessidades foram acrescentadas. Das nove regiões, a Oeste a que tem mais áreas de risco.

Na última quinta-feira, houve vários pontos de alagamentos na cidade. Árvores e muros caíram. Carros foram arrastados pelas enxurradas. Essas ocorrências indicam que a água não teve como ser represada nem para onde correr.

O poder público executa obras de contenção de enchentes com a construção de piscinões. Realiza, também, obras de aumento da vazão dos canais. Mas a impermeabilização exagerada do espaço urbano conspira contra elas.

A avenida Francisco Sá se estende ao longo de um vale. Este recebe toda a água de duas encostas. Canalizado, o ribeirão não absorve toda a água do entorno. A avenida se transforma rapidamente num rio caudaloso.

A morte da senhora não foi uma fatalidade. Se o problema da avenida se mantiver, como se mantém, outras mortes ocorrerão nos próximos 20 anos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR
PRESIDENTE
VICE-PRESIDENTE
DIRETOR EXECUTIVO

Vittorio Medioli
Laura Medioli
Luiz Alberto de Castro Tito
Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL

Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA

Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL

Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING

Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO

Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA

Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO

Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM

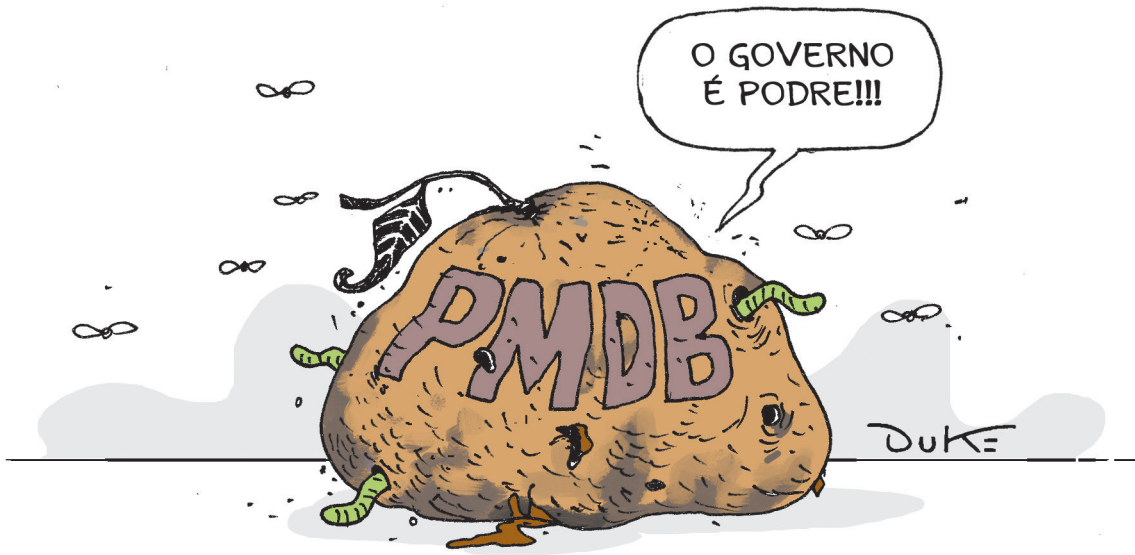
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Zika, microcefalia e aborto no Ano Santo da Misericórdia

Bispos brasileiros acham que podem desobedecer ao papa

Ainda bem que dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, não foi sagrado papa! Em entrevista à BBC em 4 de fevereiro passado, ele declarou que “os bispos ainda não se reuniram para discutir o tema”, mas que gestantes de fetos com microcefalia “devem encará-los como uma missão”.

Dom Odilo está de conluio com o Estado brasileiro, já que acha que as mulheres devem ser imoladas no altar da epidemia de microcefalia para que fiquem “ad aeternum” responsáveis, sozinhas – pois um salário mínimo mensal (Benefício de Prestação Continuada – BPC) nem abana as necessidades de cuidados especiais de uma criança com microcefalia! Após a instituição do BPC pelo governo federal para família de criança com microcefalia, quase 100% dos governos estaduais lavaram as mãos.

A exceção é Flávio Dino, governador do Maranhão, que, de modo pioneiro, em novembro de 2015, criou a rede de assistência a bebês com microcefalia, já realidade nos dois maiores hospitais estaduais: Hospital Materno Infantil de Imperatriz e Hospital Infantil Dr. Juvêncio Mattos, em São Luís, com integração do Hospital Materno Infantil, Hospital da Criança Odorico Amaral de Matos, Centro Estadual de Reabilitação do Olho d’Água e Apaes.

Há intenções e gestos alvissareiros no Maranhão! Dia 13 passado, Flávio Dino anunciou a criação de um Centro Especializado em Microcefalia, com foco na atenção a pacientes e suas mães, sediado no Hospital Benedito Leite, em São Luís.

Voltando a dom Odilo, ele está de conluio mesmo, já que afirmou: “Não

se pode culpar o Estado pelo fato de haver o mosquito... O mosquito apareceu e se prolifera. Mesmo que o governo faça talvez sua parte, o mosquito vai continuar existindo... A culpa não pode ser atribuída ao Estado simplesmente. Muito menos ainda isso pode ser argumento em favor de um suposto direito que está sendo lesado”. Ninguém merece! Será que ele está atribuindo a culpa a Deus?

Dos males, o menor. O papa é Francisco, que até agora não abriu a boca para pronunciar as palavra “zika” e “microcefalia” nem sobre o fato incontestado de

Gestantes de fetos com microcefalia “devem encará-los como uma missão”. Só mulheres pobres estão levando adiante uma gravidez com esse diagnóstico

que, via de regra, desde dezembro de 2015, no Brasil, só as mulheres pobres estão levando adiante uma gravidez com esse diagnóstico. Não exatamente como a opção defendida por dom Odilo, inspirado nos versos do maranhense Coelho Neto: “Ser mãe é desdobrar fibra por fibra/ o coração!... Ser mãe é padecer num paraíso”, mas porque não acessaram os meios de abortar nas condições da clandestinidade.

Na epidemia de microcefalia, as mulheres nem sequer lembram que a Igreja Católica Apostólica Romana considera o aborto um pecado! E, para quem lembrar, podemos dizer que quem abortar na vigência do Ano Santo da Misericór-

dia (8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016) está perdoada. Quem disse? O papa Francisco! Na tradição católica, num ano santo, “se concedem indulgências aos fiéis que cumprem certas disposições eclesiais estabelecidas pelo Vaticano”.

Em “Os bilhetinhos aos pés da santa que protege as mulheres”, escrevi: “Recordo que a Igreja Católica Apostólica Romana tipifica o aborto como um pecado passível de excomunhão automática... A decisão papal vigorará durante o Ano Santo e confere a qualquer padre o poder de perdão! Ainda que seja fundamentalista, o padre, após uma confissão de aborto, terá de perdoar, e não chamar a polícia! Eis a ordem papal. Não sabemos é se dá pra confiar” (**O TEMPO**, 8.9.2015).

Está valendo é o que disse o papa! Agora, se dom Odilo e os bispos brasileiros acham que podem desobedecer ao papa, é outro assunto!

